



Errância de gênero: corporificando gesticulações de [r]existência

Flavia Ferreira da Silva ¹
Orientadora: Mônica Botelho Alvim²

RESUMO

Esse trabalho tem como ponto principal pensar corporeidade, processos de subjetivação e alteridade sob a perspectiva fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty, diante da experiência de trânsito de pessoas que ultrapassam as barreiras binárias de gênero - que aqui chamamos de “errância de gênero” – sejam elas pessoas trans ou cis, mas que trazem em seus corpos a transgressão daquilo que parece instituído por uma sociedade que produz ideias corporais, sem trazer a tona a violência que há nessa fôrma. Trabalharemos aqui com pessoas em trânsito e que fazem desse trânsito um movimento de transgressão daquilo que é normativo. Ressaltamos que não estamos aqui trazendo uma conotação valorativa para a norma, mas seu caráter de irrevogabilidade, como se não pudesse haver aqueles que não se sentem encaixáveis em suas caixas.

Palavras-chave: Gênero errante, Corporeidade, Fenomenologia, Gesto, Transitar.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, visamos pensar modos de significar o corpo que saiam do gênero, ímpar, para acolhimento de gêneros diversos, ou seja, novas maneiras de se relacionar com o corpo que possibilitem performances fluidas. Uma ação corporal transgressora, que na experiência íntima e na troca com o outro permita que ocorra ressignificação da existência, pensando-a de maneira porosa. A relação de sentido com o mundo, é construída no campo da experiência que eu e outro temos no mundo, eu e o outro que compartilhamos de um solo comum, co-habitamos o mundo, significando e ressignificando o ser de maneira movente e senciente, de acordo com a fenomenologia de Merleau-Ponty (2014).

Coloca-se em questão aqui a normatividade racional dos modelos médicos, cientificistas, em prol da consideração da singularidade das experiências vividas como possibilidade de subjetivação, em uma construção à margem da norma, exercendo a potência de vida e contribuindo para a reconfiguração do que é considerado humano em nossa sociedade.

Nesse sentido, iremos apresentar e discutir uma outra faceta da psicologia, sua dimensão clínica de acolhimento e ressonância, pensando a clínica não como cura, etimologicamente

¹ Doutoranda do curso de psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, flaviasilva@terapiaesexualidade.com.br

² Orientadora: Mônica Botelho Alvim, professora adjunta de Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mdalvim@gmail.com



definida como debruçar-se sobre o leito do doente, mas sim como lugar de encontro, pautado em uma ética da alteridade que acolha as diferenças e as possibilidades criadoras da existência humana. Nosso referencial clínico é a Gestalt-terapia e sua perspectiva fenomenológica, que, tal como compreendemos, oferece uma possibilidade de escuta ampla e corporificada.

Se é através do corpo que damos sentido ao mundo e aos objetos, experienciamos o mundo e o outro, podemos dizer que quando em relação ao corpo próprio se sabe intimamente algo diferente do que é visto pelo mundo, se sabe estar fora do binarismo heterocentrado. É também através deste corpo que o sujeito terá a possibilidade de ressignificar sua relação consigo mesmo e com o outro, no contrafluxo de uma norma. É na experiência de errância corporal, que ocorre a expressão, produção de novas estruturas, transformação de sentido para si, para o outro e para o mundo, gerando inquietação e possibilidade de transgressão, de ultrapassar a experiência do que é visto para a partilha do sentido que é vivenciado de maneira subjetiva. Pretendemos discutir uma psicologia que pretenda acolher as diferenças e praticar uma ética da alteridade e da transformação (Alvim&Castro, 2015).

Iremos trabalhar aqui com o conceito de errância, tal como proposta no campo da arte e da arquitetura, fazendo uma analogia com o transitar urbano e o transitar corporal. A urbanista Paola Jacques (2012) define errância como uma experiência de percorrer o espaço de maneira a se presentificar nele, uma forma de apropriação do espaço urbano na ação de o experimentar, percorrer o espaço urbano não somente para se locomover de um ponto ao outro, mas estar na cidade de maneira a produzir afetações mútuas. A autora também destaca a experiência de errância como força de resistência em relação a uma certa analgesia, o que chama de “expropriação da experiência” (p.19). Pensaremos aqui essa errância e as identidades de gênero como experiência de trânsito, como possibilidade de percorrer o espaço corporal e apropriar-se dele na experiência de vivencia-lo não dentro de uma normativa, mas de acordo com uma pessoalidade, um ser da experiência, um reconhecimento de si que aponta para outros caminhos de existência. É importante ressaltar que o termo errância, ou errante, não se refere a erro, como juízo de valor, refere-se a um movimentar-se fora da norma, fora do que é hegemonicamente aceito como “normalidade”.

METODOLOGIA

Como metodologia foi utilizado o levantamento de referencial bibliográfico pertinente ao tema, buscando alinhar a filosofia fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty (2011), o

caráter transgressor do urbanismos e os mais recentes estudos na área de gênero, para melhor compreender corpo e corporeidade no contemporâneo.

Trata-se de uma pesquisa que trabalha com produção bibliográfica e com dados e informações provenientes de uma vasta quantidade de publicações acadêmicas e literárias já existentes em relação ao assunto, assim como com autores trans, pessoas que pensam suas vivências e trabalham academicamente ou biograficamente esse estar no mundo que transgride o normativo. Ao passo que hoje temos autores trabalhando com diferentes frentes de pesquisa em relação ao trânsito de gênero, além de uma vasta produção de autobiografias e diferentes formas de relatos de vida. A escolha por trabalharmos com esse material se dá em respeito à própria população que transita, principalmente a população trans, embora estejamos trabalhando também com a cisgeneridade que transita em suas performances.

DESENVOLVIMENTO

A “errância” do gênero provoca inquietação naqueles que tem no binarismo homem x mulher uma matriz fundadora de suas identidades. Entendemos que há, no trânsito de gênero, um ato estético e político de denúncia da invisibilidade e marginalização a que os sujeitos *errantes* são submetidos. Esses sujeitos que descumprem a regra heteronormativa para serem travestis, *crossdressers*, *drag queens*, *drag kings*, andróginos, entre tantas outras possibilidades, performam um ato político de risco que os deixa em um lugar de maior vulnerabilidade.

Estamos falando aqui de corpos que se moldam levando em conta um modelo estético íntimo, mulheres transexuais que mantêm seus pênis, ou homens transexuais que preservam suas vaginas, sem com isso perderem de vista suas feminilidades e masculinidades, de acordo com o que sabem de si intimamente, e também daqueles que porventura venham a construir neofalos ou neovaginas. Ou ainda, o *crossdresser*, que apesar de usar indumentária correspondente ao sexo oposto ao seu sexo anatômico, não assume identidade de gênero diferente da biológica, transita pelos universos de masculinidades e feminilidades. Essas e tantas outras formas de expressão apontam para um universo que não se esgota em si, são alargamentos, aberturas, que marcam a plasticidade da existência e que não cabem mais no binarismo de perspectivas biologizantes que teriam no sexo anatômico uma verdade absoluta e intrínseca do gênero, um engessamento anatômico dado, que não permitiriam ao sujeito outra experiência corporal além da determinada pelo biológico atrelado a normatividade de determinados códigos de vestimenta e gesticulações corporais. Mulheres cis de quadris largos,

seios fartos que usam e abusam do vestuário exposto nos setores masculinos das lojas ou mulheres cis perfeitamente enquadradas nas normas de maquiagem e vestimenta socialmente aceitas no feminino, andando de mãos dadas com outras mulheres. A *bicha* masculina, ou o corpo másculo e barbudo que anda de mãos dadas com outra *bicha*, masculina ou não, todos esses são corpos que transgridem um normativo corporal e que com isso sofrem de maneiras diversas a reação daqueles que se sentem desconfortáveis com suas existências.

Na perspectiva discutida por Alvim (2014a), há na criação do movimento de existir a instituição de gestos que possibilitam a instauração de novas formas que dêem voz a dimensões silenciadas da vida. A experiência da arte, por exemplo, pode ser provocadora, quando dá visibilidade a essas dimensões, gerando a experiência do descentramento. Do ponto de vista fenomenológico adotado pela autora, compreende-se que a experiência estética ocorre na ordem do sensível sendo essa experiência sensível, irrefletida, que dará origem ao processo de produção de sentido. Sentido que se produz no encontro com o outro, com o que é estranho a mim. O incômodo, a quebra na estrutura de sentido ocorre na afetação que o estranho pode provocar, gerando deslocamento, descentramento. Dessa maneira, o trabalho de produção de novos sentidos, de criação, é movimento político, já que essa transformação passa a ser parte do mundo, se torna um objeto cultural (Alvim, 2014a).

No encontro com o outro, vivenciando o que há de comum e diferente, podemos experimentar a alteridade. Silva (2012) enfatiza a característica processual da existência, o “contínuo fazer-se” (p.28) dentro de uma perspectiva histórica, temporal e intersubjetiva em que o encontro com o outro, que é também um outro projeto existencial, é assim coexistência, um estando diretamente ligado ao processo existencial do outro.

Transformamos a nós mesmos quando interiorizamos o que está fora de nós; e transformamos o mundo, ao menos na sua significação, quando exteriorizamos nossos desejos e nossos projetos. O sujeito é uma contínua construção que depende, sempre e ao mesmo tempo, dele e dos outros; por isso ele é sempre outro, puro processo, e nunca algo consolidado. (SILVA, 2012, p.27-28)

Nessa perspectiva filosófica, o corpo vivido é potência perceptiva, é descentrado e provoca descentramentos, nesse movimento vamos nos constituindo e constituindo mundo. Na obra autobiográfica, “*A Viagem Solitária*”, João Nery (2011) relata seu trânsito em direção a si mesmo, sua construção corporal e a importância do outro, a diferenciação e a validação deste outro, nesse processo.

À medida que mais me envolvia, surgiu a necessidade de querer me certificar de como era visto por ela. O velho problema de talvez a estar atraindo não como homem, mas pelo meu deformado corpo de mulher. De uma forma ou de outra, sondava essa dúvida. Não queria uma mulher homossexual, mas alguém tão hetero a ponto de desejar somente homens, que fosse capaz de ter a ilusão, até física, de estar diante de um. (p. 74)

A experiência do descentramento está intimamente envolvida com a problemática da alteridade. Trazendo a compreensão da Gestalt-terapia e da fenomenologia, buscamos discutir o corpo vivido como um saber de si legítimo, um saber da experiência (*awareness*) (Alvim, 2014c). Tais perspectivas compreendem a dimensão sensível da experiência no mundo com o outro como fonte e origem dos processos de subjetivação.

Connell (2014) cunha o termo “saber de si” para se referir a uma certeza íntima sobre seu corpo e sexualidade. Estamos aqui refletindo sobre o desacordo que há entre o que essas pessoas em trânsito experienciam em seus corpos – esse saber de si - e o modo como elas são vistas pelo outro, quase sempre através das lentes padrão da normatividade biologizante.

A partir da perspectiva da fenomenologia e da Gestalt-terapia, estamos discutindo uma compreensão que enfatiza um modo relacional de estar no mundo. Entendemos que a fenomenologia pode contribuir para pensar essa dimensão de potência do corpo, do rompimento com a dicotomia natureza e cultura. Alvim (2014a) chama atenção para o caráter relacional em que o homem está no mundo, trazendo no pensamento do filósofo Merleau-Ponty a amplitude da “passagem da primazia do pensamento reflexivo para o corpo sensível.” (p.64), que percebe e é percebido, que vê e é visto, que sente e é sentido, o corpo como experiência. Segundo essa perspectiva, é no corpo que ocorre o encontro sujeito-mundo, é na experimentação da existência de ser-no-mundo que o sujeito descobre a si, ao outro, semelhança e estranhamento, que vão compondo uma totalidade relacional dialética.

A experiência da alteridade, em Gestalt-terapia, é “contato”, uma atividade de “oscilação, entre eu e o outro, semelhante e diferente” (Alvim, 2014b, p. 230). É no contato com o outro que posso me dar conta de mim, desse outro que também é um ser de experiências, que assim como eu, sente, percebe e pode junto comigo a partir do contato, do encontro no mundo, crescer, desenvolver, se atualizar.

De acordo com Alvim (2014a) “O fenômeno da transgressão é compreendido por nós como uma força transformadora do mundo, uma capacidade criadora do ser humano que permite a ele ultrapassar o que está dado pela cultura.” (p.22).

Em uma perspectiva fenomenológica estamos aqui pensando corpos errantes como corpos que se movimentam revolvendo sedimentos de uma narrativa conceitual que normatiza e regulamenta. Experiências corpóreas se deslocando em si, se reconstruindo em mudanças bio-físicas que irão ressignificar tais corpos. Nesses deslocamentos, físicos e culturais, como as modificações que ocorrem com a administração hormonal, ou mesmo de indumentária, em que os códigos de vestimenta são corrompidos em nome de desejos performáticos, no que tange os errantes. Assim é a errância daqueles que separam sexo de gênero e orientação de desejo e reivindicam a possibilidade de uma experiência corporal que transgride o determinado anatômica, política e esteticamente, para de maneira “corporificada” instituir novas formas de existência.

A fenomenologia, segundo Merleau-Ponty (2011), é o estudo das essências e o filósofo compreende que as essências devam ser colocadas na existência, pensando homem e mundo a partir de sua facticidade, “É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é”(p.1). Para fenomenologia o mundo está sempre ali, e temos dele uma experiência pré-reflexiva, sensível, como corporeidade, corpo imbricado no mundo de maneira a afetar e ser afetado. O filósofo marca que a percepção do mundo que nos cerca passa primeiramente pelo campo de nossa experiência sensível, pré-reflexiva, ou seja, antes mesmo de haver qualquer reflexão sobre um objeto o captamos em nossa percepção sensível.

Pensaremos aqui o corpo como ele é vivido pelo sujeito, seu movimento de Ser, sua capacidade de se reconhecer e se diferenciar frente ao outro e as coisas do mundo, em contraposição a uma dimensão objetificante do corpo e como ele é visto de fora, pelo outro, pois na experiência de pessoas trans, tal como é discutido em Connell (2014), entre outros autores, há uma defasagem entre como o corpo é visto e se vê, se sente, se vive.

Na obra *Fenomenologia da Percepção* Merleau-Ponty (2011) dedica a primeira parte do livro ao *corpo*, para o autor percepção e motricidade são inseparáveis, a percepção é corporal. Como já sinalizamos, nossa percepção do outro, das coisas, do mundo e de meu próprio corpo - que é considerado por Merleau-Ponty (2014) como “meu ponto de vista sobre o mundo, [e também] como um dos objetos desse mundo” (p.108) - passa pela dimensão sensível, pré-reflexiva, e se dá em/na relação. O autor assinala que nossa própria história perceptiva seria resultado de minhas relações com o mundo.

Não podemos permanecer nesta alternativa entre não compreender nada do sujeito ou não compreender nada do objeto. É preciso que reencontremos a origem do objeto no próprio coração de nossa experiência, que descrevamos a aparição do ser e compreendamos como paradoxalmente há, para nós, o em si. [...] Ver-se-á que o corpo próprio se furta, na própria ciência, ao tratamento

que a ele se quer impor. E, como a gênese do corpo objetivo é apenas um momento na constituição do objeto, o corpo, retirando-se do mundo objetivo, arrastará os fios intencionais que o ligam ao seu ambiente e finalmente nos revelará o sujeito que percebe assim como o mundo percebido.”(MERLEAU-PONTY, 2011, p. 109/110)

O filósofo traz aqui uma crítica a primazia do olhar científico, como aquele que em nome de uma “verdade objetiva”, compartimenta e afasta nosso contato com a experiência, “cristalizando” nosso olhar em relação ao corpo, ora o objetificando, como o tecido a ser pesquisado e ora o personificando, como aquele que o pesquisa. Deixando de lado que o mesmo corpo é objeto e sujeito, que ambas são dimensões que constituem o ser-no-mundo. O filósofo sinaliza a impossibilidade de se retirar o corpo do mundo, o colocar como puro objeto, uma vez que este irá arrastar consigo os fios “intencionais que o ligam ao seu ambiente” (p.110). A definição de objeto, segundo Merleau-Ponty (2011) “é que ele existe partes extra partes e que, por conseguinte, só admite entre suas partes ou entre si mesmo e os outros objetos relações exteriores e mecânicas” (p.111), o que não se pode dizer de nosso corpo, já que o corpo vivo é sentiente e sentido, não há como o sujeito que é corpo se colocar distante do conhecimento da experiência atual, que quando vai ao encontro de um objeto e antes mesmo de pega-lo o desenha no gesto de ir, antecipando nesse gesto a forma que irá tocar.

Só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo. Assim, a exteroceptividade exige uma informação dos estímulos, a consciência do corpo invade o corpo, a alma se espalha em todas as suas partes, o comportamento extravasa seu setor central, (MERLEAU-PONTY, 2011, p.114)

De acordo ainda com o filósofo, os estímulos que surgem do mundo/do outro convidam o sujeito a um reconhecimento corporal, dentro de uma situação aberta que se apresenta, é exatamente o surgimento do mundo que nos convida a um gesto motor. A maneira com qual tomamos consciência de nossa existência está ligada ao movimento nascente em nosso corpo, como uma “presença global da situação” (op. Cit. p.118) que nos invade enquanto percepção, motricidade, e dá sentido ao existir. Não há assim existência sem corpo, sem percepção, sem motricidade, o mundo se apresenta antes mesmo de seus estímulos, em uma “certa energia de pulsação de existência, relativamente independente de nosso pensamento voluntário, que proíbe tratá-lo como um ato de consciência” (op. Cit. p.119).

Merleau-Ponty (2011) refere-se a um sujeito engajado, que se dirige ao mundo, um sujeito que possui em seu projeto motor o estar no mundo de maneira a se empenhar

continuamente, tendo nesse corpo a existência de movimentos já habituais e que por vezes se vê convocado à atualização, nesse sentido somos generalidade e pessoalidade. Uma vez que há em meu corpo gestos habituais que se dirigem ao mundo e o habitam, há também a minha pessoalidade em cada um desses gestos, fazendo com que a habitualidade de estar no mundo seja também minha maneira singular de ser no mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro momento da pesquisa nos dedicamos a pensar dispositivos de enquadre do corpo, a partir de uma certa racionalidade, chamada por Foucault (1989) de governamentalidade, uma lógica de produção daquilo que é permitido ou não aos corpos docilizados. De alguma maneira essa espécie de racionalidade de controle dá um tom natural aquilo que é permitido, como se fosse algo dado pela natureza. O que nos faz entrar em uma discussão contemporânea de natureza e cultura, não como forças dicotômicas, mas como dimensões daquilo que é do humano. Chegando então ao trânsito errático como algo que irá distorcer as regras desenhadas por essa perspectiva de poder, trazendo riscos a manutenção do controle de corpos, não através do medo, mas na simples desobediência de sua existência para além das regras que apontam o binarismo como norma.

Passando numa segunda etapa da pesquisa a pensar a perspectiva fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty, acerca do corpo como algo vivido/sabido pelo sujeito, mas que é visto de maneira diferente pelo outro. A dimensão sensível que há na relação que temos com nossos corpos, com o outro, com o mundo, e nossa maneira de estar e ser-no-mundo. A relação de alteridade, em que eu e o outro nos encontramos em semelhança e diferença, de maneira a atualizarmos no fundo de coexistência, ou mesmo a negação dessa diferença, na objetificação do corpo que traz essa marca. Quando porventura não me abro a possibilidade de modificar meu horizonte de possibilidades de existência a diferença pode se tornar uma ameaça, se faz assim necessário a monstrificação desses outros corpos, os despir de humanidade, para que o meu horizonte de existência, não sofra desvios.

Na terceira e última parte da pesquisa, trouxemos um panorama - que chamamos de gesticulações políticas de resistência - a respeito dos muitos modos possíveis de resistência, de abrir espaços de existência que se contraponham às forças hegemônicas. Falamos primeiro de uma espécie de coreografia urbana em que há a tentativa de invisibilizar dissonantes, mas também, os pontos de ruptura possíveis com ela. Tendo na arte, ou como Colling (2017) se

refere, no “ativismo dissidente”, os espaços de protagonismo e valorização do lugar de fala – e não por acaso se abre cada capítulo e sessão deste trabalho com falas de pessoas trans, tendo nessas pessoas o protagonismo desse movimento que chamamos de errância de gênero. A exceção está na epígrafe da última sessão, um fragmento de texto do Conselho Federal de Psicologia (CFP) a respeito da nova resolução que regulamenta o atendimento a pessoas trans, que trazemos como uma das gesticulações políticas de resistência. Reforçamos nosso olhar no que diz respeito a despatologização de identidades trans, assim como a importância de se respeitar as auto-identidades como posicionamento político e legítimo de existência.

Tentamos apresentar na pesquisa um olhar que percorreu gênero como algo que pode ser percorrido no corpo, vivenciado a cada possibilidade de construção corporal, a escultura feita de silicone, criando bundas, peitos, bochechas, o hormônio que estimula a cintura afinada, o quadril largo, a barba crescendo, o pescoço ficando mais grosso, o cabelo curto no corpo de quadril e seios, a sobrancelha fina no rosto com barba cheia, enfim, tantas são as formas que vão sendo construídas no percorrer de se buscar em si.

Passamos no trabalho pelas construções sociais que parecem dar um tipo de segurança, se fincando na norma que não muda, que não surpreende, que não nos cobra atualização. Um normativo que tem na segurança um dispositivo essencial para se manter os mecanismos de controle ativos sobre os corpos. Fizemos um contraponto paralelo com a possibilidade transgressora que há na potência de nos encontrarmos com o outro não somente na semelhança, mas também na abertura para o que temos de diferente, produzindo movimento, uma ação corporal de ser-no-mundo, criando uma espécie de avesso daquilo que nos normatiza para possibilitar o descentramento e a atualização. Para isso, precisamos permitir que o antigo “morra”, para que a atualização se faça e o novo surja como gesticulação do que somos após o desvio.

Essa morte metafórica do normatizado apareceu na segunda parte da pesquisa, como aquilo que ameaça e faz com que a sociedade docilizada reaja de maneira a deslegitimar, excluir, negar que haja uma outra possibilidade de existência para além da que é normativa.

O que nos fez ter também um encontro duro com o sofrimento, com a dor, com a exclusão, com o descaso, com a deslegitimação, a cada leitura, a cada relato encontrávamos os traços árdios da violência, da agressão, da busca por deslegitimação, da patologização. Afinal, aquele que não se normatiza é empurrado para fora do rol dos “normais” para recair na instituição doença. Nos ficou fortemente marcada a experiência de inadequação de pessoas

errantes, no momento em que percebem vivenciarem seus corpos de uma maneira dissonante do que é esperado. Aí ocorre uma ruptura que não se passa no campo abstrato das forças hegemônicas como uma estratégia de poder, mas concretamente em suas vivências, em seus corpos, nos gritos de “maria-homem” que Nery (2011), narra em sua obra, nas risadas que Moira (2017) tenta não ver ao passar pelas ruas em que exerce seu ofício de prostituta, no estupro que Lessa (2014), homem trans suportou e relata em seu livro autobiográfico *Eu trans: a alça da bolsa*, na morte de Gisberta, sozinha em um prédio abandonado num outro país, na agonia de Dandara gravada em celular e mostrada ao mundo, no estupro corretivo que tantas lésbicas sofrem, na surra que tantos homens *gays* levam seja na rua ou no ambiente em que vivem.

Não irei aqui monstrificar esses agressores, o nível de crueldade com que agem essas pessoas nos lança na tentação de lhes olhar como fora do rol dos humanos, mas assim, estaríamos aqui abrindo outra possibilidade para a desumanização e funcionando na mesma lógica dos que monstrificam pessoas erráticas. Poderíamos pensar esses agressores como autômatos (Alvim, 2015), seres que se dessensibilizaram e que quando se deparam com a legitimidade da diferença encarnada precisam aniquila-la. Sem possibilidade de transformação de si próprios.

De acordo com Franklin Leopoldo Silva “Transformamos a nós mesmos quando interrogamos o que está fora de nós”, é assim que me percebo ao fim da pesquisa, interrogada sobre quantas são as possibilidades de reinvenção do que é humano. Já sabendo que não há possibilidade de resposta fechada a tal pergunta, uma vez que infinitas são as potências de reinvenção. As habitualidades corporais se sedimentam em nós, mas o corpo, quando em ação no mundo, se abre a atualização, sendo nesse movimento do corpo próprio, que se faz e refaz, como em eterno percorrer-se, transitar-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim desse trabalho com mais abertura que fechamento, com a arte como lugar de re-coreografar a vida, exploração de novos espaços de existência e criação. Aparecendo aí a psicologia como uma das muitas possibilidades de acolhimento da diferença e ressonância de seu lugar de legitimação.

A pesquisa nos trouxe a abertura de dicotomias, a ruptura das verdades universais, a probabilidade desviante a qual a existência parece sempre nos trazer, mesmo que isso nos custe o aniquilamento.

Ainda há muito o que ser dito a respeito do universo de gênero em trânsito, principalmente no que tange o rompimento com as dicotomias, para se chegar ao infinito da dialética. Como o campo da natureza e da cultura, que tocamos brevemente nesta pesquisa, mas acreditamos ainda ser uma discussão importante para novas reflexões, assim como uma discussão mais aprofundada no que tange normal e patológico, como ferramenta de deslegitimação daquilo que desvia do normativo. Pontos que não aprofundamos, tendo em vista o tempo destinado ao fim de um mestrado e deixamos aqui com horizonte possível para novos rumos de pesquisa.

No caminho errático que fizemos chegamos ao fim com a certeza de que construímos uma pesquisa que teve como centro o corpo: corpo que se dociliza e perde autonomia; corpo que se sabe, que é sensível e sentiente; corpo objeto, abjeto, despido; corpo gesto; corpo dissidente; corpo próprio, corpo que transgride.

REFERÊNCIAS

ALVIM, M. B. A poética da experiência: Gestalt-terapia, fenomenologia e arte. Rio de Janeiro: Garamond, 2014a. 332 p.

_____, M. B. Corporeidade e trabalho: o corpo-tempo que faz (e se faz) mundo. In: ALVIM, M. B. & CASTRO, F. G. (ORG) Clínica de situações contemporâneas. Paraná: Juruá, 2015.

_____, M. B. *Awareness*: experiência e saber da experiência. In: FRAZÃO, L. M. & FUKUMITSU, K. O. Gestalt-terapia: conceitos fundamentais. Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas. VOL 02. São Paulo: Summus, 2014c.

_____, M. B. O corpo-tempo e contato: situações contemporâneas. In: PRESTRELO, E. T. & QUADROS, L. C. T. (ORG) O tempo e a escuta da vida: configurações gestálticas e práticas contemporâneas. Rio de Janeiro: Quartet, 2014b.

_____, M. B. Corporeidade e trabalho: o corpo-tempo que faz (e se faz) mundo. In: ALVIM, M. B. & CASTRO, F. G. (ORG) Clínica de situações contemporâneas. Paraná: Juruá, 2015.

_____, M. B. & CASTRO, F. G. O que define uma clínica de situações contemporâneas? Apontamentos a partir de J.-P. Sartre e M. Merleau-Ponty. In: ALVIM, M. B. & CASTRO, F. G. (ORG) Clínica de situações contemporâneas. Paraná: Juruá, 2015.

CFP, Conselho Federal de Psicologia. Resolução 01/99 é mantida em decisão judicial. Set, 2017. Disponível em: < <http://site.cfp.org.br/resolucao-cfp-0199-e-mantida-em-decisao-judicial/>> Acesso em: 25 jan 2018.

COLLING, L. Artivismo das dissidências sexuais e de gênero. Revista Cult, São Paulo, ed.226, ano 20, p. 18 – 34. Ago 2017.

CONNELL, R. Embodiment ["incorporação"] das mulheres transexuais: gênero, medicina e política. Palestrada apresentada pelo CLAM, a respeito da dimensão encarnada do gênero como central para a experiência das mulheres transexuais. Rio de Janeiro, RJ, abr, 2014.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

JACQUES, P. B. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2012. 331p.

LESSA, J. Eu trans: a alça da bolsa, relatos de um transexual. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014. 146p.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. 4ed, 2 tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Original: França: Gallimard, 1945)

MOIRA, A. E se eu fosse Puta. São Paulo: Hoo editora, 2016.

NERY, J. W. Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois. São Paulo: Leya, 2011. 336p.



SILVA, F. L. O outro. CHAUI, M. & SAVIAN FILHO, J. (ORG.) Filosofias: o prazer do pensar. São Paulo: Martins Fontes, 2012.